

Manuel Antunes

(A doença da saúde, 2000)

O desperdício do SNS está relacionado com o descontrolo da gestão dos recursos humanos e materiais. Ao contrário do que geralmente se afirma, os recursos humanos são, em meu entender, e sob o ponto de vista geral, suficientes. De facto, atrevo-me a dizê-lo em excesso nalguns grupos profissionais. O problema reside na distribuição desequilibrada e utilização ineficiente. E esta depende, quase exclusivamente, dos directores de serviço. A completa responsabilização pela produção nos hospitais levaria certamente à constatação, em muitas, da sobredotação dos recursos humanos que teriam de ser dispensados e os levariam a procurar emprego em regiões mais periféricas (...). Um outro problema reside na hiperespecialização de um nº excessivo de médicos (...).

Mas a responsabilização só é possível se a responsabilidade passar também pelo recrutamento e pelo modo de gerir (...). Continuamos pois inconscientemente, a desperdiçar recursos humanos. Mas a permissividade é grande (...). É paradigmático que as próprias estruturas sindicais considerem que a gestão dos recursos humanos no SNS “é feita de forma delincente” (...). Mas tenhamos a consciência bem clara de que a autoridade do director de serviço está hoje tão diluída que qualquer tentativa de imposição de disciplina poderá trazer-lhe, a ele próprio, muito mais dissabores que gratificações (...). Não tenho conhecimento de que alguma vez no meu hospital algum médico tenha sido alvo de qualquer sanção significativa por razões relacionadas com a assiduidade. Pelo contrário conhecem-se casos de alguns que só esporadicamente vão ao serviço e, o que ainda é bem pior, de alguns que nem serviço têm. Mas mais grave ainda do que não ser eficiente é não produzir deliberadamente. Sei bem que é difícil prová-lo e que esta afirmação me poderá custar muito caro, mas estou em crer que há casos em que assim acontece. Do mesmo modo que não é fácil demonstrar a quem beneficia tal atitude, mas que beneficia, beneficia.

João Lobo Antunes

(Numa cidade feliz, 1999)

A tentativa de adivinhar o sentido do caminho tem-me empurrado para o estudo de biografias, interessando-me sobretudo descobrir como cada um conduziu o próprio destino, ou foi por ele arrastado, anotando semelhanças

que me vão tranquilizando ou, pelo contrario, angustiando quanto ao desfecho da minha própria aventura.

Jaime Celestino da Costa

Um certo conceito de Medicina, 2000

A auspiciosa revolução tecnológica da Medicina dos anos 80, contemporânea da espectacular transformação política da mesma época, ao trazer-nos incontestáveis elementos de esperança, trouxe-nos também razões de desilusão e preocupação. Para além da evidente desumanização que se imprimiu à prática médica, vimos surgir, nesta época de sucessos técnicos, os velhos demónios das epidemias mundiais (como a SIDA) e dos comportamentos desviados (a droga), sem que tenha sido possível evitá-los ou dominá-los.

Exemplo de flagrante impotência médica e sanitária.

Barros Veloso

Medicina Interna, 1996

(...) anos passados sobre o aparecimento da Revista Medicina Interna é altura de perguntar: terá valido a pena?

Convém, antes de mais, recordar que no texto de abertura do nº1 ficaram claramente definidos e explicados os objectivos (...) comunicar, educar e reflectir.

É sabido que sem comunicação não existe progresso. A linguagem falada, primeiro, a escrita e imprensa (...) são todas elas, instrumentos de avanço cultural (...). A comunicação na Medicina é, portanto, condição essencial de progresso e, quanto mais ampla for, melhor. Mas dir-se-á que aquilo que se publica nem sempre é bom e que na maioria dos casos, nem sequer ultrapassa o sofrível. Dir-se-á que alguns artigos estão destinados a ser lidos apenas pelo próprio, pelos amigos, e obviamente, por alguns inimigos. Dir-se-á ainda que as publicações médicas têm necessariamente uma vida efémera. Tudo bem! Mas não comunicar é estagnar. É abdicar da participação no avanço científico. Não comunicar é para além de tudo, desvalorizar o efeito catalisador que ideias e experiências pessoais aparentemente sem futuro podem exercer sobre os outros.